

A BORBOLETA

MAGOAS

No antro escuro da minh'alma occulta
existe a imagem d'um sonhado amor;
com ella a—crença—jaz tambem sepulta...
guardam-lhe a campa a saúde, a dor!

Guardam-lhe a campa, porque é campa o seio
aonde a esp'rança feneceu tambem;
aonde o pranto condensar se veio
cobrindo chammas, que não viu ninguem!...

Sim... este peito foi volcão outr'ora
acceso em lavas; soube amar... sentir;
mas, repellido... despresado agora...
—só tem os gêlos do final dormir!

Morreu... sem nunca deparar na vida
—o amor—o anelo—do futuro seu!...
Morreu com elle—essa imagem querida,
que a fantasia d'um sonhar me deu!...

Morreu... e eu triste, em solitaria estrada,
contemplo as sombras do existir tão só...
e vejo ao longe... na feral morada...
—o esquecimento do gelado pó!...

E sempre só... no p'regrinar na terra!...
E só... no leito do final jazer!...
Que soledade!... Que tristeza encerra
essa palavra, que nos diz—morrer!—

Morrer... meu Deus!... sem compassivo pranto
d'um peito amigo, que me diga aqui:
«Vou dar-te as flores, que adoraste tanto...
«e junto d'ellas vou orar por ti!»

Morrer... baixar na soledade infinda,
envolta em crepes do funereo veu...
sem a saudade d'um amor que ainda,
alem da morte, vá viver no ceo!

Porto.

CLORINDA M. DE MACEDO.

HABITANTES PRIMITIVOS DA PENINSULA

Meu Dias Freitas. — Respondendo ao
que me pergunta, em referencia á opinião
de *Rougemont* á cêrca dos habitantes pri-
mitivos da península; fal-o-ei em poucas
palavras, com quanto o assumpto as de-

mande em abundancia, para a illucidação
completa que merece.—Fallece-me agora
a opportunidade, para o desenvolvimento
respectivo.

Na opinião de *Rougemont*, foram os
tartessios—gregos doricos japhetas—os pri-
meiros habitantes da península.

Seguiram-se immediatamente os *iberos*,
que deram nome a esta sua mansão, ou
então o tomaram d'ella.

Aos *iberos*, seguiram-se immediatamen-
te os *persas*—pheresios do monte Athlas
e da Sardenha—lybi-semitas d'origem.

Seguiram-se immediatamente os *phe-
nicios*, e depois d'elles os *carthaginezes*—
oriundos ambos da mesma raça.

Aos *iberos*, de que se olham os vas-
consos como os ultimos restos na Hispa-
nha, attribue-se hoje uma origem berebe-
rica.

A união plausivel entre a Africa e a
Europa—em epochas propectas—no sitio
correspondente ao estreito de Gibraltar;—
a similhaça da flora e da fauna dos lit-
toraes fronteiros d'ambos os continentes;—
a identidade surprehendente dos typos hu-
manos, nas serras da Ronda e na cordi-
lheira do Riff em especial;—a analogia
dos restos fosseis, ainda que poucos, acha-
dos em ambas as regiões mediterraneas;—
tudo, Meu Caro, tudo leva á cõvicção,
de que não ha uma hypothese apenas n'este
conjuncto de circumstancias, mas um
facto real e positivo—tanto quanto a sciencia
nos permite julgal-o na actualidade.

Escusado será dizer-lhe, que não equi-
vale *bereber* a *preto*, como no povo se crê
geralmente, e até entre alguém que se
julga superior ao povo em crenças.

A isto ainda—e não é pouco—ajuncte
o Meu Dias Freitas uma nova reflexão.

Entre as quatro raças, que decoram os
tumulos da dynastia XVIII dos reis egypticos,
ha uma de *côr branca* e *olhos azues*—
e são os *tamahus* ou *lebus*, conhecidos com
ambos estes nomes.

Ao vocabulo *tamahus*, ligavam-lhe os
egypticos a noção de *homens do occidente*
—*habitantes das trevas*:—ao vocabulo *le-
bus*, a noção de *homens lybios*, equivalente
para nós a *habitantes da Africa Boreal*.

Na linguagem bereberica, ainda hoje
se usa o vocabulo *tamahong* no Sahará—
onde ella se tem conservado com a maior
pureza.

Os anthropologistas, com Broca e Hamy como chefes de doutrina, são geralmente concordes em olhar como bereberico—no seu todo essencial—os craneos de Cro-Magnon: — craneos indicadores do cruzamento d'uma raça menos desenvolvida com outra mais perfeita, e craneos contemporaneos dos *animas emigrados*, assim como o craneo anterior de Canstadt é contemporaneo dos animas *desapparecidos*, conconsitantes com os primeiros tempos da *idade quaternaria* do nosso globo.

Nos craneos das nossas cavernas de Cesareda, assim como nos do nosso Cabeço da Arruda, achou Pruner-Bey—tanto quanto é dado vêr n'estes exames—os caracteres do typo bereberico da Africa.

Disponha sempre—Do Amigo e Patricio que lhe envia o *Boletim* que pede—

PEREIRA-CALDAS.

EM JORNADA

(No album de Joaquim d'Araujo)

Ao todo eramos quatro: o abbade... tal
Um obeso jarreta,
E uma dama gentil, que por signal
Usava de luneta.

Ao passarmos nas sombras d'um pinhal
Murmura a dona inquieta:
«Sahem aqui ladrões... li n'um jornal»...
Responde o abbade: «E' peta».

E o velho corta: «N'uma noite escura
—Sempre me heide lembrar d'esta aventura!—
Sahiram-me os ladrões n'estes logares;

E deixaram-me nú». —E ah! n'esse instante
O meigo rosto da gentil viajante
Fez-se da côr d'um pècego d'Amares.

GONÇALVES CRESPO.

CONFERENCIA ARCHEOLOGICA DA CITANIA

Em virtude do mau tempo, que nos está molestando, foi adiada para occasião oportuna a Conferencia da Citania, prefixada para o dia d'hoje, 8 d'abril.

Annunciando esta transferencia, damos publicidade a um artigo valioso do snr. Sá Villela, pseudonymo de Silva Leal, ar-

tigo inserto no *Boletim d'Architectura e d'Archeologia da Real Associação dos architectos e archeologos portugueses de Lisboa*.

A ideia d'esta conferencia planeada pelo nosso doutissimo colladorador e amigo, o exc.^{mo} dr. Pereira-Caldas; e acolhida e realisada com verdadeiro patriotismo, pelo illustradissimo dr. Martins Sarmiento, explorador d'aquellas ruinas venerandas; tem dado vigoroso brado no paiz e fora d'elle.

O artigo alludido honra sobremodo o berço da nossa monarchia elevando á categoria de Congresso a conferencia archeologica da Citania: e não honra menos o varão prestante, que, a expensas suas, poz a descoberto muralhas e edificações que revelam uma existencia de muitos seculos, e teem porisso todo o jus a serem estudadas pelos archeologos do paiz.

Eis o artigo de que fallamos:

Primeiro congresso archeologico em Portugal

CITANIA—EXPLORAÇÕES

Caberá por ventura, ao snr. Francisco Martins Sarmiento, ha pouco laureado com uma Medalha pela nossa Associação (V. *Boletins* n.^{os} 10 e 11), abastado e mui illustrado proprietario de Guimarães, a honra e a distincção de ter iniciado em Portugal os congressos d'Archeologia, como hoje se estão praticando em todas as nações da Europa.

O snr. Sarmiento adquiriu por compra o monte de S. Romão da serra da Falperra, perto de Guimarães, e nas margens do Ave, junto ás *Caldas* chamadas *das Taipas*. A tradicção, e antigos escriptores, diziam existirem alli as ruinas d'uma povoação, denominada *Citania* (ou a *Cinania* de que fallou V. Maximo?), que, apesar do habito dos nossos antiquarios de apenas prescrutarem e examinarem vestigios romanos, os quaes effectivamente por alli se encontram, comtudo, julgava-se, ainda que perfunctoriamente, ter sido povoação mais antiga—dos povos que occupavam a provincia do Minho, anteriores á conquista romana.

De feito, ha por aquella provincia dilatadas tradições de povoações antiquissimas; e muitas ruinas conhecidas por diversos nomes: Tyde, Abona, Caledonia, Celiobriga, Britonia, Aurega, Benis, Araduca, Bagunte, Callecia, Labrica, etc. E pelas serras do Afife, Gerez, monte-Penedo, Fão, Valle de

Fareja, etc., encontram-se vestígios de povoados, que passam por anteriores á invasão dos romanos.

Já nos fins do seculo passado, nas escavações emprehendidas por José Diogo Mascarenhas Netto, pelas margens do Vizella, para exploração d'aquellas Caldas, se haviam encontrado vestígios da idade da pedra (neolithica) por aquella região, os quaes n'aquella epocha não era dado apreciarem-se, achando-se: «uma cunha de pedra preta (obsidiana?)... polida por fricção... e dentes d'animal, que pela grandeza que d'elles se deduz... foi desconhecido; e tambem se acharam alguns da mesma especie na escavação dos banhos da Lameira.» Estes vestígios deveriam hoje existir na nossa Academia Real das Sciencias, á qual foram então apresentados pelo referido Netto, seu socio. Não será porém agora opporrtunidade para tratar d'estas coisas.

Como ia dizendo, o snr. Sarmiento começou a expensas suas, e sob a sua direcção, a explorar o sub-solo da montanha, que para esse fim adquirira; principiando por fazer collocar no sitio em que primitivamente fôra achada, a celebre *pedra-formosa*, cujo debuxo publicou o n.º 9, t. I do do nosso jornal, e á qual me referi no meu Estudo sobre os Dolmens (pag. 39).

O snr. marquez de Sousa, nos n.ºs 452, 454 e 455 do *Diario da Manhã*, deu conta da sua visita a estas explorações pelo estio do anno passado, e descreve-as; lembrando, parece-me, que mui sensatamente, que o vocabulo *Citania* não será nome unicamente applicavel a um local; e, se o derivassemos do termo semítico *cithan*, poderia generalisar-se a qualquer povoado.

Passavam então de cincoenta as moradas (casas) descobertas, construidas grosseiramente, e de fôrma circular, pela maior parte, parecendo que a sua entrada seria por alguma abertura superior, e dando ares na fôrma (?) das *Nuraghas* da Sardenha.

Acharam-se tambem esculpturas, evidentemente pre-romanas;... e eram frequentes as pedras lavradas com ornatos... entre estas esculpturas são notaveis um baixo-relevo de duas figuras, e uma estatua mutiladas... Aparecem muitas pedras com cruces de varias fôrmas, posto que nenhuma tenha os caracteriscos do christianismo... Tambem se tem achado inscripções... algumas escriptas em caracteres desconhecidos... Abundam os fragmentos da ceramica... A decoração d'elles, consta de cir-

culos concentricos, gregos, riscas... com debuxos, (que não sendo romanos) se vêem até nos freguementos de vasos que poderiam considerar-se romanos... São muito poucos os objectos de metal encontrados... (quasi destruidos) mas é indubitavel que alguns são de ferro, outros de cobre puro.»

Já se vê como é importante, e digna da maior attenção, a exploração que está praticando o snr. Sarmiento. E desejo este distincto cavalheiro, de a fazer conhecida e apreciada pelos estudiosos, e doutos do nosso paiz, tem convidado muitos d'elles para comparecerem na localidade, nos primeiros dias d'abril proximo; e ahi examinareem os trabalhos já praticados, e os seus resultados.

A extrema delicadeza do snr. Sarmiento, tem preparado recepção condigna aos seus convidados; e o que muito importa saber tambem, para hora da nossa civilisação, é que a cidade de Guimarães, a exemplo do que tem praticado outras cidades cultas da França, Italia, Belgica, etc. prepara-se egualmente para solemnisar a ida ao seu concelho de tão illustres hospedes. Caberá a estes, como não duvidamos que hão de fazer, inaugurar entre nós os Congressos archeologicos, que o snr. Sarmiento por este modo inicia; e que tão necessarios se tornam já no nosso paiz, onde tanto ha que explorar das epochas prehistoricas e luso-romana: como os trabalhos já encetados nos deixam prever. Além disso, é tempo de patentearmos ao mundo as nossas riquezas archeologicas; e de provar aos sabios, que o esperam, a nossa aptidão para lh'as indicar.

Seria de toda a conveniencia que os nossos Archeologos, reunidos em Guimarães, elegessem Mesa e Direcção, que podessem ser nucleo e formar circulo, para a continuacão dos trabalhos archeologicos no nosso paiz; e para a renovação d'estes congressos nas provincias d'elle, onde as circumstancias e a possibilidade os aconselhassem.

Pelo que respeita á Citania, muito me lisongearia eu, em particular, que as snas excavações me podessem confirmar na idéa, que já tenho expressado mais ou menos timidamente, sobre a primitiva povoação do nosso solo, e sobre o desenvolvimento d'ella; como me está parecendo que o vão indicando algumas das descobertas já feitas, se se provarem as origens que mostram apontar.

Mas como terei de voltar a este assumpto, não devo alongar de mais, hoje, estas simples considerações.

SÁ VILLELA.

ONDAS...

Lá vem galopando... corceis inquietos,
As crinas d'espuma lhes vejo alvejar...
Já trepam, já galgam as rochas redondas
As perfidas ondas,
Na praia do mar...

Amansam, amansam a furia... só gemem
Agora beijando da areia a nudez;
Recuam quebradas na lucta insensata
As ondas de prata
Com triste mudez...

Mas eil-as que voltam : são ebricas, são loucas,
Ludíbrio incessante d'um fado cruel.
Não ha quem as vença na rapida fuga,
Ninguem lhes subjuga
Seu dorso revel.

Tacs são meus desejos ; d'um mar sem limites
Sempre uma após d'outra, fogosos leões,
Eu sinto estas ondas morrendo na areia
Da praia que é cheia
De contradições.

Eu sinto-as morrendo ? ! não morrem ; depressa
Mas fortes, mais vivas, com mais altivez,
Atletas sombrios n'um rígido embate,
Ao fero combate
Lá vão outra vez...

E' sorte mofina ! se enfim se mudasse !
Se eu fosse este fardo d'angustias depôr ! ..
Vem porto tranquillo, vem já, não te escondas ;
Recebe estas ondas ;
São ancias d'amor !

Barca.

ALBERTO CRUZ.

EMMELINA

(Versão de Alfredo de Musset)

(Continuação)

Uma manhã passeavam ambas sós, e encaminhavam-se, conversando, para o bosque de la Rochette. A senhora d'Ennery tentara em vão fazer que a condessa tornasse a contar-lhe a historia dos seus amores ; fazia-lhe cem perguntas diversas sobre o que se passára em Paris, durante o anno mysterioso em que o senhor de Marsan fizera a corte á menina Duval ; perguntava-lhe, rindo, se antes do contracto

elle lhe dera um beijo em alguma entrevista, emfim como começára a paixão. Sobre este assumpto nunca Emmelina fallou. Talvez me engane, mas creio que a rasão do seu silencio era esta : como gracejava de tudo, não queria falla n'uma coisa em que não admittia gracejo. A marquez, vendo os seus exforços baldados, mudou de these, e perguntou-lhe se, depois de quatro annos de casamento, esse singular amor ainda vivia.

— Como vivia no primeiro dia— respondeu Emmelina— e como viverá até ao ultimo.

A estas palavras, a senhora d'Ennery parou, e beijou magestosamente sua sobrinha na frente.

— Minha querida filha— disse ella— tu mereces ser feliz, e com certeza frue completa ventura o homem que é amado por ti.

Depois d'estas phrases, pronunciadas, com tom emphatico ; a marquez empertigou-se toda, e ajuntou requebrando-se :

— Eu julgava que o senhor de Sargues te fazia a corte ?

O senhor de Sargues era um rapaz da moda, muito amante de caça e de cavallos, que vinha muitas vezes ao moinho de May, mais por causa do conde do que de sua mulher ; todavia, era verdade que elle galanteava a condessa. Qual é o homem ocioso que, a doze leguas de Paris, não fita a mulher bonita que encontra ? Emmelina apenas se occupára d'elle para lhe proporcionar em sua casa todas as commodidades. Era-lhe indifferente, mas a observação de sua tia fez que ella, a seu pesar, o odiasse secretamente. Quiz o acaso que, ao entrar no bosque, a condessa visse no pateo uma carruagem, que ella reconheu ser do senhor de Sargues. Um instante depois, apresentou-se este testemunhando o pesar de chegar demasiado tarde do campo, onde passára o estio, e de não encontrar o senhor de Marsan. Fosse espanto ou repugnancia, Emmelina não pôde occultar a commoção que experimentou ao vel-o ; córou, e elle notou-o.

(Continua)

N. ALBERTO DE SOUSA.

IMPROVISO

(Indo ao Porto, minha patria, depois de longos annos ausencia)

São estes os logares onde outr'ora

Os braços da alegria me embalaram ;

Foi aqui onde os ceos me bafejaram
Da minha infancia na risonha aurora.

Aqui d'amor a chamma abrasadora
Senti primeiro; os fados me mostraram
Os singulares dons que me encantaram,
D'essa, que de minha alma foi senhora.

Qual eu diferente estou, tambem mudado
Encontro tudo aqui; que a desventura
Tudo que era ventura me ha roubado.

Só me resta a saudade acerba e dura
D'esse tempo feliz por mim gosado,
Que hoje desconto em sec'los d'amargura.

CORREIA JUNIOR.

ANTIGUIDADES EM TRÁS-OS-MONTES

II

Outra raridade, que se apresenta á contemplação do antiquario, é um sitio, que existe n'esta freguezia, cognominado *Castello d'Amôr*, assim conhecido, porque ali existem as ruinas, ou antes pequenos fragmentos d'uma construcção antiquissima, que hoje se não conhece se foi castello, ou algum outro monumento.

Chama-se *Castello d'Amôr* por corrupção; pois que em outras eras aquelle sitio fôra conhecido pelo nome de *Castello da Moura*, mas o povo—lapidando estas palavras—mudou para *Castello d'Amôr*.

As pedras amontoadas no local, onde existiu a construcção antiga, indicam claramente que serviram para formar um edificio, que abandonado pelos seus possuidores veiu a cahir em ruinas de fórma que hoje se não pôde vir no conhecimento da sua remota antiguidade, nem da sua contextura exterior; mas o que se pôde asseverar com fundamento, é que aquelle castello ou construcção de qualquer outra especie, cujas ruinas avultam ainda pela grandeza das suas dimensões, e pelo largo espaço que occupam, foi o que deu nome áquella redondeza conhecida hoje pelo nome de *Castello d'Amôr*, porém primitivamente por *Castello da Moura*, á semelhança do que se deu com a origem de algumas povoações importantes n'esta mesma provincia.

Assim conta-se que no sitio, onde hoje existe a villa da Torre de D. Chama, havia remotamente uma torre collocada n'uma

eminencia, onde vivia uma formosa Castellã, a quem a redondeza, que ella avistasse do alto da sua torre, lhe era toda feudal; e quando queria fazer reunir os povos, que viviam debaixo da sua tutella, e que para isso lhe pagavam o competente feudo ou censo, mandava tocar um sino collocado no alto da sua torre apalaçada, que servia de aviso para chamar a população: e porisso quando os povos convizinhos ouviam tocar a rebate o sino da torre, o que succedia amiudadas vezes, diziam receosos algumas vezes pelo motivo que os chamava; — a Dona chama —. E chamamento era este, a que ninguem se dispensava de comparecer; e pobre d'aquelle que não fosse prestar preito e render vassalagem á senhora feudal, que tarde ou cedo pagaria com a sua cabeça, ou com a detenção n'uma masmorra, a liberdade que tomava!

Tempos andantes, começou-se a fundar uma povoação nas immedições da torre feudal, e do facto de existir alli uma torre sobranceira, que tinha o magico condão de fazer reunir todos os moradores da circumvisinhança, quando a *Dona* chamava, veiu-se a chamar áquella povoação a *Torre de Dona Chama*.

Eis como muitas outras povoações tiveram origem em factos violados, e construcções remotas, que se tornavam celebres por alguma particularidade que as distinguia.

Ainda outro exemplo.

A villa da Torre de Moncorvo, dizem que tivera origem tambem, n'uma torre que existira n'aquelle sitio, pertencente a alto personagem por nome *Mem-Corvo*, e que pelos tempos adiante viera a ser conhecido pelo nome de Mendes Corvo: o povo por corrupção veiu a chamar á povoação, que alli se formára, Moncorvo—nome que ainda hoje prevalece.

Eis como se explica a origem d'esta importante villa.

Não nos admira portanto, que um castello viesse a dar o nome áquelle *Castello d'Amôr*, quando primitivamente se chamara *Castello da Moura*.

M. ALMEIDA BARBOSA

JUNTO DO LEITO

Quasi perdida a luz, em dôr intensa
vêde-a jazer no leito da doença,
Que macerado a tem!

Senhor! ouvi-me a voz de mágoas cheia:
 enquanto a dor é forte, adormecei-a,
 valed-lhe, — é minha mãe!

Pallida a face, a trança ao abandono,
 parece dominada por um somno
 onde calma não ha.

Mas inda sorri doce ao triste filho,
 e conserva no olhar o tenue brilho
 das nevoas da manhã...

Foi saudada com pranto a mesta aurora
 da minha vida, cujo sol descora
 quasi ao irromper!

Quando havia de rir em doce encanto,
 tive um baptismo de funereo pranto
 na manhã do viver!...

Quasi perdida a luz, em dor intensa
 vêde-a jazer no leito da doença,
 que macerado a tem!

Senhor! ouvi-me a voz de mágoas cheia:
 enquanto a dor é forte, adormecei-a,
 valed-lhe, — é minha mãe!

1875.

IVO JACOME.

CARTA À REDACÇÃO DA «BORBOLETA»

Acabo de lêr em o n.º 2 do 3.º volume da *Borboleta* os versos, que eu fiz e recitei na inauguração do theatro d'esta villa; e vendo que alguns d'elles foram alterados n'essa redacção, vou dizer os motivos, por que me não conformo com algumas das referidas alterações.

O 1.º verso = *Salvè flôr do Mondego! alyone do Atlantico!* =, que no authographo e no impresso de 8 d'agosto de 1874 se lê = *P'rabens, flôr do Mandego! alyone do Atlantico!* =, não exprime todo o meu pensamento. Eu quiz dirigir á Figueira mais do que uma simples saudação; quiz felicital-a, dar-lhe os *parabens* pelo seu progresso em geral e designadamente por aquelle seu melhoramento — o theatro.

E, alem d'isto, parece-me aquelle meu verso mais cheio e mais conforme ás regras da metrificacção, por ter tambem pausa ou accento predominante na 2.ª syllaba; poisque, sendo um verso alexandrino (de 12 syllabas, pela moderna contagem), com-

põe-se de dois versos de 6 syllabas; e d'estes os melhores são os acentuados nas syllabas 2.ª 4.ª e 6.ª e que se compõem de tres versos de 2 syllabas: e seguem-se logo depois, na jerarchia estabelecida pelo bom gosto metrico, os que são compostos de um verso de 2 e de outro de 4 syllabas, tendo por isso as pausas nas syllabas 2.ª e 6.ª. De dois d'estes versos do 2.º grau descendente, na escala dos de 6 syllabas, se compõe o referido meu 1.º verso.

Eis as razões porque o prefiro ao que o substitui na *Borboleta*.

E não deve fazer duzida a syncope, de que usei na palavra = *P'rabens* =, porque é uma figura, permittida e muito usada em metrificacção, e que frequentissimas vezes tem sido empregada pelos nossos mestres na preposiçãõ = *para* =, componente d'aquella palavra, escrevendo = *p'ra* =; e tambem porque, no meu caso, está a dicta figura em perfeita harmonia com a pronunciaçãõ.

O 6.º verso = *E's flôr! és ave, elevaste em vôos mil, Figueira!* = tinha eu escripto = *E' flôr! és ave, e elevaste em vôos mil, Figueira!* =, para que a conjunçãõ = *e* = mostrasse a relação, unica, entre as palavras subsequentes e o substantivo metaphorico = *ave* = que a precede. E aquella conjunçãõ não punha erro no verso, por augmento de syllaba; pois se podem fundir n'uma syllaba 2, 3 e até 4 vogaes, sem erro para o verso, em que se fizer isto.

O Principe dos metrificadores portuguezes escreven o seguinte verso «*Pobreza, eu te agradeço, o honrado velho diz*»; e o snr. João de Lemos, que chamou aquelle — Rei da lyra, tem no Cancioneiro este verso septesyllabo «*Sant' Antonio é o grande Santo*».

O 10.º verso = *Do ninho vão as aves sahindo, como a rir!* = foi assim impresso aqui em 1874, por inadvertencia do typographo: e tinha eu pedido ao snr. Magalhães Junior, quando remetti o exemplar para ser copiado na *Borboleta*, que fizesse tirar aquelle verso o erro que elle tem; porque, sendo grave a ultima palavra do 1.º hemistichio ou 1.ª metade do dicto verso, era necessario que a sua syllaba final breve acabasse em vogal, e esta fosse absorvida por outra vogal, pela qual principiasse a 2.ª metade do mesmo verso. Deve pois este verso escrever-se pela fórma seguinte = *Do ninho vão sahindo as aves, como a rir!* =.

No verso 30.º = *D'O que poz em nosso*

alma aspiração sem meta!. — ha um apostropho, que é desnecessario, e um erro de typographia no adjectivo=*nosso*—, que alli apresenta o substantivo=*alma*—como sendo do genero masculino.

Outras alterações se fizeram, com as quaes eu me conformo. Ha porem uma —a ultima—, que não posso deixar sem reparo.

O verso 8.º da 3.ª decima tinha eu escripto assim=*Pra maior incitamento*—; mas a embirração com a syncope na preposição=*para*—, (embirração que não tem bom fundamento, como já demonstrei), fez substituir aquelle meu verso—que está certo e sem coisa que duvida faça—pelo seguinte=*Para alto incitamento*—, que está errado, pois tem só seis syllabas metricas, quando devia ter sette, pela regra: «*Uma vsqal antes de outra vogal absorve-se n'ella, fidando as duas syllabas a formar uma só syllaba*»: E nem para verso de seis syllabas eu o quizera...

Alem d'isto, o adjectivo=*maior*—, que se lê no meu verso, é muito mais expressivo na estrophe. em que se acha, do que o adjectivo=*alto*—, que foi posto onde elle esteve.

Em outras minhas composições, publicadas na *Borboleta*, se fizeram algumas alterações, que tambem (com franqueza) me não teem agradado; como, por exemplo, a troca da palavra=*intrigar*—, que se lê a pag. 155 do 2.º volume e que n'aquella accepção é um gallicismo, pela palavra=*caçoar*—, que eu tinha escripto e que, por isso mesmo que é familiar, tinha bom cabimento, segundo me parece n'aquella minha facecia carnavalesca.

Muitas imperfeições e erros mesmo teem por certo os meus escriptos; porque não sou litterato, —nem o pretendo ser: apenas sou um escrevinhador por curiosidade, que, nas horas vagas me entretenho, ás vezes, em alinhavar sobre o papel umas *coisas*, que depois montam no prelo e vão passear: como alguns dos nossos *mariaivas* passeiam a cavallo, sem nunca terem aprendido equitação.

E' pois bastante a minha impericia tão sómente, para attrahir sobre mim o grande pêsso da critica. . .

De V., etc.

Figueira 26 de março de 1877.

JOSÉ D'ORNELLAS.

A VIOLETA

Roxa violeta,	Tão eloquente.
Formosa e pura,	Muda, tu falas!
Da noite escura	Oh! tu não calas
Se o frio orvalho	Poder e gloria
Te hade crestar,	Do Creador!
Melhor farias,	O teu perfume,
Em vir comigo;	Ameno e brando,
Co'o teu amigo	Está clamando
Tu vais morar.	«É Deus o autor!»

Inanimada,	Tu da virtude
Não me respondes,	E's o desenho;
Mas não me escondes	Com tanto empenho,
Alto mysterio,	Como ella, tractas
Que te creou.	De te esconder;
Em ti eu vejo	E tens como ella
A mão piedosa,	Tanta humildade
Que tão mimosa	Tal suavidade
Te debuxou.	No recender.

D. JOSÉ DE LENCASTRE.

DUAS PENNADAS

OS FUNDIBULARIOS

Eram celebres n'outr'ora, como atiradores de pedras, nos exercitos peninsulares os naturaes das ilhas Baleares, nas costas, orientaes da Hespanha.

Os que primavam em melhor exercer a profissão de fundibularios, faziam gravar os seus nomes nas pedras que deviam atirar aos inimigos.

Era geral este uso, em todos os fundibularios de nome em toda a parte.

Affirma-o na sua *Politica* o affamado Justo Lipsio: e confirma-o nos seus *sermões* o Padre Antonio Vieira, escriptor cheio de merito e erudição.

O PRIMEIRO PERU'

O primeiro perú, apparecido em mezas da Europa, comeu-se em França em 1570.

Ha portanto 307 annos, que foi começada a saborear no velho mundo — como preparado culinario primoroso — esta ave mimosa do mundo novo.

Comeu-se então nas bodas de Carlos IX, que fallecêra em 1574, com 13 annos e meio de reinado.

D'ahi por diante, começou então a generalisar-se o uso do perú com recheio, como um dos pratos d'estimação nas mezas opíparas.

Santarem.

A. GOMES.

SONETOS

I

Amigos, socios meus, e meus patricios,
O vosso Balthazar vos deixa agora
Por ver se sua sorte assim melhora,
Deixando a occiosidade, mãe dos vicios.

Não vae de novo ver os artificios
Dos povos, onde nasce a linda aurora;
Porem ao sul cortando a linha fóra
Tentar fortuna vae com sacrilicios.

Oh! como sua vida é perigosa...
Já longes terras viu na mocidade,
Passando ainda alem do Imperio China...

Direis—quer ver do mundo a immensidade!
Quem sabe se tal é a sua sina
Emquanto não passar á eternidade!

II

Cêdo, caro Diniz, o teu Balthino
Vai ver do Novo-Mundo o grande rio,
E ouvir lá, no Brazil, em longo estio
Cantar o sabiá com doce trino.

Mas antes que elle siga um tal destino,
Em Coimbra espera ver-te mui sadio,
Até fallar-te, emquanto algum *bugio*
Da partida o signal não der no sino.

Oh! n'esse instante as nimphas mais formosas,
As filhas do Mondego com ternura
Abraçal-o virão, e dar-lhe rosas.

Depois tu verás sempre em fonte pura
As naiades chorarem tão saudosas
O seu desterro, a sua desventura.

Braga.

BALTHINO.

BIBLIOGRAPHIA

Costumes mdrilenos — *Notas d'um viajante*—por Magalhães Lima.

Temos sob os olhos este delicioso volume, devido á penna diamantina d'um dos mais alevantados e fecundos talentos da nossa moderna geração litteraria.

Auctor de varios livros, onde resahem — ja, os dotes do estylista scintillante,

e do poeta mimoso; ja a gravidade do pensador profundo; Magalhães Lima occupa um logar proeminente na galeria das nossas intelligencias privilegiadas.

Ao contrario—e ainda bem—de muitas das nossas vocações litterarias mais promettedoras, que se deixaram adormecer sobre os loiros colhidos n'uma estreia mais ou menos brilhante,—Magalhães Lima, não conhece fadigas no trabalho. Mostram-no d'um modo inconcusso as obras que elle tem publicado, e a sua collaboração assidua em varios jornaes litterarios, e politicos.

Mas ponhamos de parte as perifrases ceremoniosas: o auctor dos *Costumes mdrilenos* dispensa-as perfeitamente.

Subintitula-se o formoso volume, de que nos occupamos,—*Notas d'um viajante*. Não é, pois, um livro de viagens, onde o leitor vá encontrar um catalogo de nomes de terras que desconhece, e respigar algum peculio de illustração por entre os meandros de descripções mais ou menos descar-nadas, mais ou menos deficientes. Um romancista, se é moço ainda, sabe, e—coisa notavel!—não póde escrever um livro de viagens, propriamente dito. Ha tantissimos nadas que nos absorvem toda a attenção, quando vemos novas terras;—se nossos cabellos não foram já grisalhados pelo gelo da senectude, e em nossa alma ainda não caiu a lagrima de chumbo dos desenganos!

D'um só traço:

Nos *Costumes mdrilenos* ha a conversação adoravel d'um rapaz sympathico, azougado, espirituoso, e d'uma intelligencia cultissima: ha o passatempo agradabilissimo de algumas horas.

Quem deixará, pois, de procurar aquella, e de se proporcionar o ultimo?

DIAS FREITAS.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

A ser verdade que da parte da administração passada se exigira a alguns dos nossos collaboradores o importe da assignatura da *Borboleta*; cumpre-nos declarar que houve nisto um abuzo, a que a direcção do mesmo jornal é completamente estranha.